

**MEMÓRIAS DO SALTO TRIPLO:  
ENTREVISTA COM NELSON PRUDÊNCIO\***  
Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen  
Departamento de Educação Física / UNESP/Rio Claro

**Resumo**

Como ex-atleta e professor universitário, Nelson Prudêncio tem muito a nos ensinar sobre o atletismo, em especial, sobre o salto triplo. Como registro de uma história ainda pouco conhecida, esta entrevista tem como intuito resgatar detalhes que nos ajudam a compreender as particularidades desta modalidade esportiva, responsável pela revelação de grandes nomes do atletismo brasileiro e mundial.

**Palavras-Chave:** Atletismo; Salto triplo; Nelson Prudêncio.

Nascia em Lins, no interior paulista, no dia 04 de abril de 1944, aquele que anos mais tarde viria a ser conhecido como um dos grandes nomes do Atletismo mundial: Nelson Prudêncio.

Não diferente da maioria dos meninos de sua idade, Nelson era, além de entusiasta, praticante de futebol, desconhecendo - como infelizmente ainda ocorre com muitos - o atletismo, cujo contato viria a ocorrer somente após seus 20 anos de idade.

Residindo em Jundiaí e mais tarde em São Carlos onde concluiu o Curso de Graduação em Educação Física, Nelson foi, como ele próprio costuma dizer, escolhido pelo salto triplo. Ainda que tenha participado de algumas competições nacionais com resultados expressivos nos 100 metros rasos, salto em distância, salto em altura e revezamentos, Nelson tinha uma habilidade toda especial para o desenvolvimento das especificidades requeridas no salto triplo.

Em 1965 e 1967, por exemplo, Nelson chegou a saltar 16m46 em campeonatos sul-americanos, melhorando cada vez mais essa marca até conquistar o recorde mundial, na época 17m03, pertencente a outro brasileiro, Adhemar Ferreira da

---

\* Entrevista realizada em março de 2002 pela Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen e transcrita por Augusto César Lima e Silva, graduando em Educação Física da UNESP-Rio Claro.

Silva. Aos 24 anos, ao lado de outros grandes nomes do salto triplo, tais como: o soviético Viktor Saneyev e o italiano Giuseppe Gentile, Nelson, que saltou 17m27, contribuiu para que o recorde mundial fosse quebrado por 5 vezes num intervalo de aproximadamente 4 horas, passando de 17m03 a 17m39, numa das competições mais emocionantes dos Jogos Olímpicos do México em 1968. Foi nessa competição que nos encheu de orgulho ao conquistar sua primeira medalha olímpica e uma das poucas do Atletismo brasileiro: a medalha olímpica de prata do salto triplo dos Jogos de 1968.

Numa época em os recursos eram muito precários, o treinamento desportivo e a tecnologia eram bem diferentes do estágio atual e dividindo seu tempo entre o estudo, os treinamentos e o trabalho, Nelson continuou se dedicando ao Atletismo prosseguindo em suas conquistas. Logo ocuparia o 2º lugar no podium nos Jogos Pan-Americanos e representaria o Brasil em outros dois Jogos Olímpicos: Munique, em 1972 onde conquistou sua segunda medalha olímpica, a medalha de bronze, após atingir a marca de 17m05; e Montreal, cidade que sediou os Jogos Olímpicos em 1976.

Esses são apenas alguns exemplos das conquistas e vivências de Nelson Prudêncio no campo do Atletismo. Ao lado dos saudosos Adhemar Ferreira da Silva, medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952 e Melbourne em 1956 e João Carlos de Oliveira, o João do Pulo, também medalhista olímpico e detentor do recorde mundial de 17m89 por cerca de 10 anos, Nelson é uma das grandes figuras do atletismo, em especial, da prova de salto triplo, cujo recorde atual é de 18m29, do inglês Jonathan Edwards, estabelecido em Gotemburgo, no dia 07 de agosto de 1995.

Mais do que um exemplo de saltador e atleta, Nelson, atualmente professor de atletismo da Universidade Federal de São Carlos, é para nós e para as futuras gerações de atletas e profissionais de Educação Física, uma referência de vida dedicada ao esporte, de “memória viva” do atletismo e que tem muito a contribuir para a difusão desse esporte tão belo e repleto de emoções.

**Sara Quenzer Matthiesen** - *Você é natural de onde?*

**Nelson Prudêncio**- Nasci em Lins, em uma data difícil de se esquecer: 4/4/44.

**SQM**- *Você mora em São Carlos atualmente?*

**NP**- Sim, atualmente eu moro em São Carlos. Eu vim para São Carlos na década de 60... Perdão, primeiro eu fui para Jundiáí. Em 68-69, vim fazer a escola de Educação Física aqui. Então, estou em São Carlos desde 69. Eu vim para fazer a escola e morei em república (...) (risos).

**SQM**- *Então, você fez o curso de Educação Física aqui em São Carlos mesmo?*

**NP**- (Diz que sim com a cabeça).

**SQM**- *Como se sabe, você foi um grande atleta de salto triplo, mas, você chegou a participar de outras provas dentro do atletismo?*

**NP**- Sim. A equipe que eu defendi em Jundiáí, era uma equipe de poucos atletas. Então, fazíamos 100 metros rasos, salto em distância, salto em altura. Fiz até 4x400m e 4x100m. Mas, resultado expressivo, só no salto triplo mesmo. Tradicionalmente, até em nível de seleção, em sul-americanos por exemplo, eu fazia salto em distância, mas, sempre era cortado dessas provas, por terem um outro tipo de técnica. Mas, em estaduais, brasileiros e competições internas, eu fazia outras provas sim.

**SQM**- *Qual a sua melhor marca?*

**NP**- No triplo, 17m27 na Olimpíada do México; no salto em distância, 7m32; na altura, 1m90; nos 100m, 10s6 ... não tão veloz quanto a prova exige hoje em dia, mas, vejo isso como reflexo do treinamento que existia na época, ou inexistia. Nós não tínhamos direcionamento para que pudéssemos treinar de acordo com o metabolismo energético que a prova exige (...), fazíamos cross-country e nada direcionado à prova. Foi a carga genética que predominou mesmo. De treinamento direcional nós não tínhamos nada (...). Hoje em dia, existem os “*Meetings*” e os técnicos têm uma visão diferente. Passaram a olhar para fora do país e têm facilidade no acesso à informação, através de revistas especializadas, viagens constantes, conversas com outros técnicos, o que têm facilitado a captação de informação. A partir da década de 80, nós tivemos um conhecimento direcional para a máquina humana com o olhar frente aos esforços e, principalmente, acesso à informação. Uma das pessoas que você deve conhecer é o Antônio Carlos, que tem 15 anos de USP, ajudou a traduzir livros que ajudam nesse

acesso e que gosta de atletismo felizmente. Ainda acho que está faltando um pouco da parte laboratorial, mas, nós estamos chegando lá!

**SQM-** *Então Nelson, eu gostaria que você contasse a história de seu encontro com o atletismo. Como é que você começou a se interessar? Como é que foi o seu primeiro contato? Como você foi se especializando, até chegar à sua especialidade que é o salto triplo?*

**NP-** Bem, o primeiro contato meu com o atletismo ocorreu em 1964, isso já com 20 anos de idade. Até então, eu desconhecia realmente o que era o atletismo. Eu me lembro que quando eu apareci na pista, um dos atletas me perguntou se eu sabia o que era salto triplo. Talvez, por conhecer o Adhemar Ferreira da Silva, ele tenha perguntado o que era salto triplo. Eu disse que não. Aí ele demonstrou a técnica. Por ter saltado 11 metros e pouco da primeira vez, ele se entusiasmou comigo e me chamou para fazer o treinamento. Isso foi uma identificação do acaso. É dito no esporte que *é a prova que escolhe o atleta e não o atleta que escolhe a prova*. Pode até gostar de outra prova, mas, não tem um potencial, nem um bom rendimento na prova. Naquele momento, creio eu, o que beneficiou para que me mantivesse na prova foi o resultado da performance. Não sabia o significado de quanto era 16 ou 17 metros, mas, quem estava há mais tempo, já sabia o quanto valia essa marca.

**SQM-** *O Adhemar foi uma referência quando você começou? Como foi essa diferença temporal?*

**NP-** Quando eu comecei, o Adhemar já havia parado, mas, sinceramente, eu não conhecia o Adhemar. Nós já tínhamos ouvido falar dele, mas, eu desconhecia completamente o atletismo.

**SQM-** *E o João do Pulo, que veio depois de você?*

**NP-** Foi uma coincidência, pois, viemos nós três, Adhemar, eu e João do Pulo, numa seqüência de aproximadamente 12 anos. Vejo o João como um atleta de um potencial excelente, muito mais numa classificação longelínea do que nós dois, muito mais veloz! Fazia 10s nos 100 metros e saltava 8m36 na distância. Ele se dava bem nessas três provas: distância, triplo e 100 metros. Portanto, eu vejo o João como um talento, como um atleta com um potencial muito maior do que o meu ou o do Adhemar.

**SQM-** *Você acha que o salto triplo é uma prova bastante específica no atletismo? Aqui no Brasil, tivemos três grandes atletas conhecidos internacionalmente. Foi apenas uma coincidência, ou você atribuiria isso a um fato mais específico?*

**NP-** Eu creio que isso seja apenas uma mera coincidência mesmo. O mundo acredita que existe uma escola de atletismo aqui no país.

**SQM-** *Atualmente como está a difusão do salto triplo entre os atletas de atletismo?*

**NP-** Bem, hoje em dia existem bons atletas de salto triplo (...). Há um atleta, o Jadel Gregório, que está nas mãos de um ótimo técnico, o Nélio Alfano Moura, com o qual tivemos oportunidade de dialogar, inclusive sobre resultado de testes parciais do Jadel. (...) O Nélio tem partido para outro lado, como a Maurren Higa Maggi, da distância, que bateu o recorde brasileiro e sul-americano do triplo. Ele tem essa capacidade de trabalhar especificamente e vem fazendo um bom trabalho.

**SQM-** *Todo saltador de distância será um saltador de triplo e vice-versa, ou não necessariamente?*

**NP-** Não, necessariamente. O resultado da performance é que direciona a pessoa para a prova exercendo uma motivação para ela. Tecnicamente, a distância e o triplo têm um comportamento diferente, cada um tem sua própria forma de realização e corrida até a tábua de impulsão. Tivemos saltadores de distância excelentes como o Robert Beamon, que saltou 8m90 na distância e não passava de 16 metros e pouco no triplo. Como já disse, é a prova que escolhe a pessoa. Normalmente, o saltador de triplo, vem fazer a distância e não o contrário. Isso porque ele tem que trazer como um legado este equilíbrio de forças entre as duas pernas. Então, é possível que ele venha a fazer o salto em distância. Já o atleta de distância, por causa de sua unilateralidade, não permite dar continuidade ao resultado.

**SQM-** *Gostaria de saber como foi a sua carreira, já que começou com 20 anos. Quando você a encerrou? Quais foram as principais competições, inclusive olímpicas?*

**NP-** Bem, eu comecei com 20 anos, e um mês depois eu estreei com 11m69. Tive uma evolução muito rápida, sendo que três ou quatro meses depois, já estava saltando 14 metros, isso devido à motivação e a dificuldade. Quanto mais minha marca aumentava, mais eu crescia dentro da prova. Nas primeiras provas em que participei, sempre peguei os primeiros lugares devido a essa motivação. Fui crescendo até que a diferença de

resultado aumentou tanto que eu não tinha mais motivação para que pudesse competir, não por vaidade, mas, por não haver concorrência. Isso dificultou, porque não sabíamos em que altura estávamos, também por não haverem muitas competições, que é o teste máximo.

*SQM- E a sua participação em Jogos Olímpicos, como foi?*

**NP-** Antes de chegarmos aos Jogos Olímpicos passei por uma série de competições: Jogos Regionais, Campeonato Estadual, Brasileiro e frente às dificuldades, cinco meses depois eu era o campeão brasileiro com 14m52. Uma semana depois, fui para o Sul-americano no Rio e saltei 14m96. Frente a essas dificuldades, a gente crescia! Isso foi em 65. Em 66, eu fiz minha primeira viagem para Portugal. Lá, era outro o nível e eu saltei acima de 16 metros, isso de acordo com as dificuldades. Em 67, fui para o Pan-americano e fiz 16m45. Em 68, já nos Jogos Olímpicos, eu saí daqui do Brasil sem um resultado expressivo. Saí daqui com 16m20. Nessa época, meu técnico conseguiu o Pacaembu para treinarmos; felizmente na época dos Jogos Olímpicos. A mídia internacional, que vinha filmar nosso treinamento aqui, dizia que o Brasil tinha tradição nisso e isso foi muito gratificante. O deslocamento da mídia até aqui foi um privilégio. Meu negócio, na época, era apenas bater o recorde sul-americano, que era de 16m56 m. Nos Jogos Olímpicos fui assistir a um show e quando saí, notei que havia no saguão uma exposição do México, em que havia um podium. Nesse podium, é claro, havia um mexicano em primeiro lugar, do lado direito, um americano e, do outro, havia um negro de camisa amarela. Identifiquei-me com isso e três dias antes da competição falei para meu técnico: “Eu vou subir no podium!” E ele disse: “Que bom, estou gostando de ver!” Naquele instante, mudou meu comportamento diante da prova. O índice das eliminatórias era de 16m20, sendo que o italiano Giuseppe Gentile abriu-a logo de cara com 17m10... novo recorde mundial e olímpico! Mas, meu objetivo era apenas passar para a final; era para isso que eu estava lá. No segundo salto, eu consegui! Havia feito 16m57 e batido o recorde brasileiro e sul-americano. Já tinha colocado meu nome na história da América do Sul com o recorde brasileiro e sul-americano, mas, a grandeza da competição era mais do que a classificação. Na final é que iria começar a competição mesmo. Voltei para o alojamento e no outro dia estavam lá os finalistas, eram 12 os classificados para a final. Primeiro salto do Gentile: 17m22... novo recorde mundial e

olímpico! Hoje em dia eu penso: “O que eu estava fazendo naquele disco?” Mas, ao mesmo tempo, aquele é um momento de euforia e você vê que a coisa está motivante. No desenrolar da competição, Viktor Saneyev fez 17m23 e, em meu segundo salto, fiz 17m05. Já estava dentro daquela premonição que eu havia visto, pois, eu estava entre os três primeiros. Portanto, cumpria-se a profecia, se é que eu a posso chamar assim. Eu praticamente já me sentia acomodado, pensando: “quem sou eu para saltar 17 metros!” Mas, felizmente, eu não saí da concentração. Quando eu fiz 17 metros sabia que a briga ia ser boa, porque eu estava em condições de igualdade com os outros competidores. Na quarta rodada de saltos, um outro russo fez 17m09 e eu caí para o 4º lugar. Eu me lembro que naquele instante eu estava abaixado para beber água. Nós não sabíamos o resultado dos competidores, só ouvíamos o comportamento do público. Foi a primeira vez que olhei para o placar eletrônico e vi 17m09. Pensei: “Desse jeito, eu estou fora da jogada!” E eu saltei. Você não percebe quando faz um grande salto. Só ouvi a exclamação do público... era o novo recorde mundial e olímpico anunciado. Eu não tinha suporte psicológico para isso... novo recordista mundial e olímpico! Realmente alguma coisa desmoronou, e é lógico que nisto, houve uma quebra da tensão, liberou-se algo antes do tempo. Eu não tinha preparação psicológica para a coisa, mas, naquele instante, eu era o novo recordista mundial e olímpico! Eu fiquei extasiado, abobado! Fiquei parado pensando..., mas, naquele momento, eu sabia que a competição ainda não havia acabado, pois, faltavam duas rodadas. Todos os atletas estavam presentes e motivados e isso permaneceu até a última série. Na 5ª rodada, o Viktor Saneyev fez 17m39 e eu estava com 17m27. Eu disse: “bem, está ótimo!” Mas ainda faltavam outras pessoas com reais chances de saltar acima disso e, no último salto, eu saltei 17m15. Bem, havia terminado e eu já podia desligar o circuito. Para mim estava ótimo! Chorei que nem criança, justamente pelo fato de saltar acima de 17 metros ... e nas Olimpíadas! Pensei: “Estou no pódio olímpico!” O sonho de todo atleta é estar numa Olimpíada, deixar o nome no livro da história e com a medalha olímpica. Ter ficado como o melhor do mundo naquele instante foi muito gratificante!

**SQM**– *E a outra Olimpíada?*

**NP**– Aí, já entrou uma interferência, que eu chamo de interferência positiva. Eu já estava fazendo a Faculdade de Educação Física. Aqui em São Carlos, não havia

condições para o treinamento, pois, a pista e o campo eram cheios de buracos. Como eu não tinha mais técnico, eu mesmo montava os treinos, me tornando um autodidata. Logo após os Jogos Olímpicos de 68, eu fui convidado para ir até os Estados Unidos. Fiquei lá por volta de 1 mês e meio, mas os americanos não eram tão bons assim.

**SQM-** *E quem é a grande potência no salto triplo hoje em dia?*

**NP-** Os cubanos. Eles têm ótimos saltadores. Os americanos também têm uma grande quantidade de atletas com possibilidades de ficar entre os oito primeiros em Jogos Olímpicos, sendo que muitos deles acima de 18 metros. Tem o inglês, Jonathan Edwards que é o recordista mundial com 18m29 e os atletas do Leste Europeu onde há ótimos saltadores que mantêm a regularidade.

**SQM-** *E a sua ida aos Estados Unidos, como foi?*

**NP-** Fui convidado para cursar faculdade nos Estados Unidos e causei espanto quando disse que trabalhava, no meu país, para me sustentar. Em 1970, participei dos Jogos Universitários; em 1971, dos Pan-americanos na Colômbia, sendo que na época o recordista mundial era Pedro Perez, de Cuba. Em 1972, compareci em muitas competições, mas, tive que deixar outras de lado. Na Olimpíada de 72, disseram: “Vamos levar Prudêncio pelo o que ele simplesmente fez no passado.” Eu havia trocado de técnico e disse a ele: “Vou à Olimpíada e vou saltar!” Ele, então, me disse que eu era um dos três com possibilidades. Recordando: antes da Olimpíada de 68, eu torci o tornozelo jogando futsal. Treinei apenas seis meses, pois, não tive condições de voltar aos treinos antes por causa da torção. Na Olimpíada de 72, me convidaram por causa de meu passado, pois, não havia ninguém do atletismo para levar. Então, eu disse para mim mesmo: “Vou subir no pódio!” (...) Quando subi no pódio, cumprindo a minha profecia, os americanos, com seus narizes empinados, convidaram-me para orientá-los. Mas, eles pareciam buldogues, de tão pesados que eram. Em 1973, já começava a surgir o João. Começava uma briga, no bom sentido, dentro do Brasil. Os seus 17 metros no país fez com que sonhasse e nos Jogos Pan-americanos bateu o recorde mundial. Havia uma competitividade entre o João e eu, mas, amistosa. Estávamos sempre juntos na convivência esportiva. Após o recorde mundial, eu falei: “Chega, já cumpri minha missão no esporte”. Na Olimpíada de 1976, em Montreal, como já existia o João, me puseram para escanteio, mas, quando saiu a relação dos

convocados, eu estava entre eles. Fui mais para estimular o João. Não fui para a final. Não deu tempo para que eu me preparasse melhor e senti que os Jogos Olímpicos haviam terminado para mim. Com família constituída, os interesses passaram a ser outros. Minha passagem pelo esporte, creio eu, foi muito boa, abrindo um horizonte muito grande, não só em termos geográficos, como também, para o trabalho e integração com as pessoas.

**SQM-** *Ficaria horas conversando contigo sobre sua vivência esportiva. Mas, gostaria de saber como você vê o atletismo na escola atualmente.*

**NP-** Eu nunca tive atletismo na escola. O único atletismo que tive foi na própria natureza, era só correr... Nasci num sítio, propriedade de meu pai e quando íamos para a escola, 4 ou 5 km, corríamos e saltávamos rios, até lá. Meu esporte favorito era o futsal. Até o 2º grau, a única corrida que eu havia participado foi uma corrida de 50m em Jundiá! ... tenho a medalha até hoje! Na escola só futebol, voleibol, não tinha atletismo. Somente na Escola de Educação Física vim participar de atletismo.

**SQM-** *Como você faz para cativar seus alunos de atletismo na UFSCAR, para que eles o conheçam e possam com ele trabalhar no futuro?*

**NP-** Realmente é muito difícil trabalhar devido ao desconhecimento, mas, no Curso de Licenciatura em Educação Física eu começo passando vídeos sobre todas as provas, mostrando recordes brasileiros e mundiais. Pego, por exemplo, a Olimpíada de 96 e mostro as “feras”, apontando a técnica e falando que isso se dá devido ao treinamento, que é uma outra matéria. Mas, como um primeiro contato, eu mostro a técnica, ensino a visualizá-la e a corrigi-la. Sabendo isso, o aluno pode vivenciar melhor o esporte. As provas mais técnicas, eu coloco como motivo de avaliação. Por exemplo, quem se interessar pelo ensino escolar tem que saber barreira, que é o principal, pois, contém ritmo, técnica e coordenação. Trabalhando as provas técnicas, o aluno tem a capacidade de identificar erros e diferenciar, por exemplo, um arremesso de um lançamento. Alguns alunos ficam desmotivados durante o curso, porque vêm com pré-requisitos de outra modalidade, como a dança, mas, a gente consegue trabalhar fazendo uma associação entre os esportes que os alunos praticam e o atletismo e eles ficam espantados, dizendo: “Nossa ... isso funciona mesmo!” Então eles fazem essa junção e nós interagimos com a técnica de cada prova.

**SQM-** *Nelson, para finalizar, gostaria que você desse duas orientações: o que você diria para um jovem que quer fazer salto triplo e para seu técnico?*

**NP-** Como eu disse anteriormente, creio eu, que é a prova que escolhe o atleta e não o atleta que escolhe a prova, sendo que o primeiro contato deve ser vivenciar as provas como, por exemplo, o decatlo. Na própria prova, você verá a seleção do atleta para as provas, se não se der bem em uma delas, a mesma será descartada. (...) Na minha concepção, a barreira deve vir primeiro, porque você percebe a velocidade, a resistência, a coordenação, o equilíbrio e, gradativamente, vai escolhendo a prova. Se em uma coordenação de passadas, a pessoa salta com uma perna e alcança uma determinada distância e a outra perna iguala essa distância, daí, opa ..., você a encaminha para o salto triplo, por ter esse equilíbrio de forças entre as duas pernas.

**SQM-** *Gostaria que você desse, também, uma palavra de incentivo aos alunos de Educação Física para que eles trabalhem com o atletismo.*

**NP-** Bom! Eu visualizo da seguinte forma: não faça a prova apenas para cumprir tabela, sinta o significado dela, transforme a leitura em movimento e não só leia e repita. Faça uma interação com a técnica de execução para compreender o movimento e poder utilizá-lo em outras modalidades. Compreender o que está fazendo e não simplesmente fazer por fazer, entender como está fazendo e porque deve fazer, creio eu.

**SQM-** *Nelson, queria agradecer muitíssimo a sua disponibilidade de estar conversando comigo e, mais importante, mostrar a vivência que você tem no atletismo e que poucos têm. Foi um prazer!*

**NP-** Agradeço também. Espero que essa fita possa ficar no Departamento para que os alunos possam ter a oportunidade de conhecer mais sobre o atletismo. Eu é que agradeço à sua intenção.

**Abstract**

As an ex-athlete and university professor, Nelson Prudêncio has lots of things to teach us about Track and Field, specially about triple jump. As a register of a history still unknown, this interview has the aim to remember details that can help us understand the particularities of this sport modality, responsible for the great names of the national and international Track and Field.

**Key-words:** Track and Field; Triple Jump; Nelson Prudêncio.